

## **Humildade e exaltação: A dinâmica do amor**

Partamos da experiência de Cristo, nossa Cabeça. Quando da cura da sogra de Pedro, fala-nos o Evangelho que “Ele se inclinou para ela [...]” [Lc 4, 39]. Nosso Senhor *se inclinava para levantar os desvalidos*. Na verdade, inclinou-Se tanto, esticou-Se tanto para nos alcançar, para nos erguer, que morreu por nós. Amou-nos até à morte: “E, inclinando a cabeça, entregou o Espírito” [Jo, 19, 30]. Ora, é deste reclinar-se do Novo Adão, que adormeceu na cruz, que nasceu a Igreja, Sua esposa. *A Igreja nasce de Cristo morto por amor!* Afirma Agostinho: “Aqui, o segundo Adão, inclinada a cabeça, adormeceu na cruz, para que dele se lhe formasse a esposa que brotou do lado do que dormia”<sup>1</sup>. Noutra passo, o Bispo de Hipona é ainda mais claro:

A Igreja havia de sair de Cristo enquanto dormia na cruz; havia de nascer do lado de Cristo que dormia. Foi do lado de Cristo que dormia, do seu lado aberto pela lança, que manaram os sacramentos da Igreja. Por que me dispus eu a dizer-vos isto, irmãos? Porque é a enfermidade de Cristo que nos torna fortes.<sup>2</sup>

A Igreja nasceu, pois, da fraqueza, do esgotamento do Seu Senhor. Nasceu de Cristo dilacerado por amor a nós. A bem da verdade, ela nasce, a cada dia, do peito do seu Salvador, do Seu coração trespassado pela lança [Jo 19, 34] dos nossos pecados. A Nova Eva veio à luz por aquele mesmo coração que aliviou o sofrimento de muitos, pelo mesmo coração sobre o qual o discípulo amado recostou a sua cabeça. Foi de um coração manso e humilde [Mt 11, 29], trespassado por nossos pecados, que saíram o sangue e a água, símbolos dos sacramentos da iniciação Cristã. Comenta ainda Agostinho:

O Evangelista usou de uma palavra premeditada para não dizer “feriu o seu lado” ou “atravessou”. Disse “abriu” para mostrar de que modo

---

<sup>1</sup> AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de São João: Da Cruz à Glória**. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica Coimbra. v. 5. CXX, 2. p. 161. Para entender a analogia de Agostinho, vide o texto de Gn 2, 21-24, cotejando-o com o de São Paulo aos Efésios [Ef 5, 31-33].

<sup>2</sup> AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de João: O Verbo de Deus**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica Coimbra, 1954. v. I. XV, 8. p. 391.

se abria a porta da vida, donde emanavam os sacramentos da Igreja, sem os quais não se entra para a vida que é vida verdadeira.<sup>3</sup>

Com efeito, os *sacramentos da Igreja nasceram de um coração aberto! Nascem de um coração manso e humilde*. Por ocasião da morte de Cristo, todos os Evangelhos sinóticos registram que, antes de morrer, Jesus deu um grande grito: “Jesus, porém, tornando a dar um grande grito [*clamans voce magna*], entregou o espírito” [Mt 27, 50]. “Jesus, então, dando um grande grito [*voce magna*], expirou” [Mc 15, 37]. “Jesus deu um forte grito [*clamans voce magna*]. Dizendo isso, expirou” [Lc 23, 46]. Ora, um teólogo registra de forma muito feliz: “O grito de Jesus na Cruz é o grito de alguém que morre dando à luz uma vida”<sup>4</sup>. E a vida que nasceu dali, já o sabemos, é a Sua Igreja. Na verdade, naquele momento, cumpriu-se o dito do próprio Senhor: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muitos frutos” [Jo 12, 24]. E o fruto da Sua morte foi a Sua Igreja. Destarte, esta nasce, pois, da suprema doação do Salvador, da Sua exaustão, das Suas forças exauridas. A gênese da Igreja é Cristo humilíssimo, consumido por amor no acérrimo lenho da cruz.

O princípio da Esposa de Cristo encontra-se na morte cruenta do Seu Senhor. Não sem razão, pelos séculos afora, também o sangue dos seus mártires – conforme atestou Tertuliano – continuou sendo a semente de novos cristãos: “O sangue é semente de cristãos”<sup>5</sup>. Santo Agostinho, tomando a analogia da Igreja com a videira [Jo 15, 1-17], diz-nos a mesma coisa: a Igreja só floresceu sob a seiva do sangue dos mártires:

Tal como foi profetizado e anunciado pelo próprio Senhor, a videira, que por toda a terra espalhava ramos cheios de frutos, germinava tanto mais quanto era regada pelo ubérrimo sangue dos mártires [*uberiore martyrum sanguine rigabatur*].<sup>6</sup>

Que isto significa, senão que a Igreja só cresce com a doação plena dos seus membros, com a entrega humilde de cada um deles? Por isso, insta Agostinho aos que lhe foram confiados: “O teu Senhor humilde e tu soberbo? A Cabeça humilde e um membro soberbo?”<sup>7</sup>

<sup>3</sup> AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de São João: Da Cruz à Glória*. CXX, 2. pp. 160 e 161.

<sup>4</sup> CANTALAMESSA, Raniero. 3ª ed. *Nós Pregamos Cristo Crucificado*. Trad. Maurício Ruffier. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 93.

<sup>5</sup> TERTULIANO. *Apologeticum*. 50. In: BERTHOLD, Altaner, ALFRED, Stüber. *Patrologia*. 3ª ed. Trad. Monjas Benedictinas. Rev. Honório Dalbosco: Paulus, 2004. p. 159: “[...] semen est sanguis christianorum (...)”.

<sup>6</sup> AGOSTINHO. *A Instrução aos Catecúmenos*. 2ª ed. Trad. Maria Glória Novak. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. XXIV, 44. p. 107.

Sávio Laet de Barros Campos

E São Bernardo é ainda mais severo: “Envergonha-te, soberba cinza [*erubescere superbe cinis*]: Deus se humilha e tu te exaltas?”<sup>8</sup>. Nunca será demais ratificar: a Igreja nasceu humilde e cresce pela humildade dos seus membros.

A falar com exatidão, Cristo, ao inclinar-se até à morte, nada mais fez do que mostrar ao homem o próprio homem, mesmo porque os termos, “Homem [*homo*] e humildade [*humilitas*] derivam ambos do mesmo termo *humus* que significa terra, solo”<sup>9</sup>. Por isso, humilhar-se é, antes de mais, inclinar-se até o chão, até o solo, de onde, enfim, todos viemos: “O Senhor Deus modelou o homem com o pó apanhado do solo” [Gn 2, 7]. Destarte, “Ser humilde é humano”<sup>10</sup>. Ora, Cristo, sendo Deus, quis ser humilíssimo; rebaixando-se de Sua condição divina, por obediência a Deus, foi até à morte e morte de cruz [Fl 2, 8]. Nisto, precisamente nisto, Ele foi verdadeiramente homem e mostrou ao homem o que realmente é ser humano. Lembremo-nos da palavra de Pilatos ao apresentar Jesus humilhado diante da multidão: “Eis o homem! [*Ecce homo!*]” [Jo 19, 5]. Que nos resta, pois, a não ser concordarmos com a máxima de um insuspeito teólogo sobre Cristo: *tão humano que só podia ser Deus!* A propósito, alguns hereges da antiguidade negaram a natureza humana de Cristo. Mas seria sem razão, duvidar se nós – sendo homens e não Deus – somos verdadeiramente homens como Deus o foi, quando esteve entre nós?

Nesta dinâmica, Cristo nos ensinou o caminho da verdadeira conversão, que começa, justamente, quando o homem se torna verdadeiramente homem! De fato, Ele, sendo Criador, ensinou à criatura o que é ser criatura, pois ser criatura é ser humilde como Ele o foi. Sendo Deus, fez-se homem e, assim, ensinou-nos que ser humilde implica em não querer ser Deus e nem como Deus. Ele, sendo Deus, e não deixando de sê-lo, não Se valeu, todavia, da Sua divindade; quando Se humanizou, quis mostrar a nós que, não sendo deuses, quando queremos sê-lo, desumanizamo-nos. Com efeito, é nesta tentativa de querer ser como Deus que está a raiz do pecado, a raiz da soberba. Foi a pretensão do “[...] sereis como deuses [*eritis sicut Deus*]” [Gn 3, 5] que nos fez esquecer quem somos. Ora, quem não aceita ser o que é, torna-se algo abaixo do que é. Nisto consiste a virtude da humildade, fazer com que cada um *seja o que é*. De modo que a humildade nos eleva, uma vez que, por ela, conseguimos nos

<sup>7</sup> AGOSTINHO. **Sermo 354**. 9, 9. In: CANTALAMESSA, Raniero. 3ª ed. **Nós Pregamos Cristo Crucificado**. Trad. Maurício Ruffier. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 82.

<sup>8</sup> BERNARDO DE CLARAVAL. **Louvores a Virgem**. 1, 8. In: CANTALAMESSA, Raniero. 3ª ed. **Nós Pregamos Cristo Crucificado**. Trad. Maurício Ruffier. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 82.

<sup>9</sup> CANTALAMESSA, Raniero. **A Vida em Cristo**. 2ª ed. Trad. Maurício Ruffier e Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 190.

<sup>10</sup> *Idem. Ibidem.*

Sávio Laet de Barros Campos

tornar o que somos; na soberba, ao contrário, só conseguimos ser menos do que somos, porque, em verdade, jamais conseguiremos ser o que não somos.

Nesta linha, Pieper diz acerca da humildade: “Aquilo que a soberba nega e destrói, a humildade reafirma e consolida: a condição de criatura do homem [...]”<sup>11</sup>. E continua dizendo sobre a humildade: “É principalmente a simples aceitação disto: que o homem e a humanidade não são Deus, nem ‘como Deus’”<sup>12</sup>. Vista deste ângulo, a aparente sentença condenatória do Gênesis, “[...] és pó e ao pó voltarás” [Gn 3, 19], já é, por parte de Deus, um convite à conversão dirigida ao homem: *volte a ser o que era!* E o “Convertei-vos” [Mt 3, 2; Mc 1,15] de Jesus é – também ele – uma reafirmação, uma retomada do convite de Deus. Ele pede ao homem que comece voltando a ser o que era: *dependente de Deus*.

Ser humilde é precisamente isto: ser homem, e ser homem é, antes de tudo, ser criatura, e ser criatura é, antes de qualquer coisa, reconhecer-se dependente de Deus, sujeito espontaneamente ao seu Criador e, por isso mesmo, obediente a Ele. Em uma palavra, a humildade consiste numa sujeição irrestrita a Deus: “Mas a humildade [*humilitas*], como virtude específica, visa, sobretudo [*pricipue*], à sujeição a Deus [*subiectionem ad Deum*] [...]”<sup>13</sup>. E ainda: “Parece, pois, que a humildade [*humilitas*] implica, sobretudo [*pricipue*], a sujeição do homem a Deus [*subiectionem hominis ad Deum*]”<sup>14</sup>.

Agora bem, o termo usado na citação acima por Santo Tomás é “subiectionem”, cujo prefixo “sub” significa estar “debaixo de”. Formado desta palavra é ainda o termo “subiectus”, que significa algo “posto debaixo”, “colocado abaixo”. Ser humilde é, pois, colocar-se *sob* Deus, situar-se “abaixo” dEle ou debaixo do Seu governo. Afinal, não é isto o que nos exorta São Pedro: “Humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus [...]” [I Pe. 5, 6]? Aliás, o mesmo São Pedro, na conclusão do mesmo versículo, nos diz também que, colocando-nos em nosso lugar, ou seja, *sob* a poderosa mão de Deus, Deus nos exaltará: “Humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus, a fim de que ele vos exalte no momento determinado” [I Pe. 5, 6]. De fato, em Cristo vimos acontecer exatamente isto, a saber, depois da Sua suprema humilhação na cruz, “[...] Deus o exaltou soberanamente” [Fl 2, 9]. Seguindo o dito de São Pedro, Deus quer fazer o mesmo conosco. Outrossim, ressoa em nossos ouvidos

---

<sup>11</sup> PIEPER, Josef. **A Humildade**. Disponível em: < [http://www.hottopos.com/videtur17/pieper.htm#\\_ftnref20](http://www.hottopos.com/videtur17/pieper.htm#_ftnref20)>. Acesso: 14/03/2012.

<sup>12</sup> *Idem. Op. Cit.*

<sup>13</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom-Marie Roguet et. al. São Paulo: Loyola, 2001. II-II, 161, 1, ad 5.

<sup>14</sup> *Idem. Ibidem*. II-II, 161, 2, ad 3. E ainda: *Idem. Ibidem*. II-II, 162, 5, C: “Propriamente, ela [*humildade=humilitas*] diz respeito à submissão do homem a Deus [*subiectionem hominis ad Deum*]”.

Sávio Laet de Barros Campos

a máxima do próprio Senhor: “Pois todo homem que se eleva será rebaixado, mas quem se rebaixa será elevado” [Lc 14, 11]<sup>15</sup>.

E há mais. Se, pela fé e pela graça, o homem se humilhar diante de Deus e passar a ser o que, de fato, é, vale dizer, criatura, Deus o exaltará, tornando-o Seu filho. Afirma ousadamente Santo Ireneu: “Este é o motivo pelo qual o Verbo de Deus se fez homem: para que o homem, unindo-se ao Verbo de Deus e recebendo assim a adoção, se tornasse filho de Deus”<sup>16</sup>. E vai mais longe ainda: “[...] o Verbo de Deus, Jesus Cristo nosso Senhor, que na sua imensa caridade se fez o que nós somos para nos elevar ao que ele é”<sup>17</sup>. Santo Atanásio, com destemor, também afirma: “Ele [Cristo] se fez homem para que fôssemos deificados”<sup>18</sup>. Santo Tomás não é menos corajoso ao afirmar, citando um *Sermão* de Agostinho: “Deus se fez homem para que o homem fosse feito Deus”<sup>19</sup>. Longe dos Santos Padres e dos Santos Doutores defenderem uma divinização do homem por essência [*per essentiam*]. O homem jamais formará com Deus uma única substância ou hipóstase! Isto seria panteísmo. Eles celebram, sim, que o homem, em Cristo, tornou-se partícipe da natureza divina e, neste sentido, foi *deificado*. Trata-se de uma deificação por participação [*per participationem*].

Neste passo da nossa reflexão é quase impossível não avocar o adágio latino retomado por Santo Tomás de Aquino: “[...] a graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa [*gratia non tollat naturam, sed perficiat= a graça não tolhe a natureza, mas a aperfeiçoa*]”<sup>20</sup>. Dentre outras coisas, esta passagem está a nos dizer que, se a conversão começa com o homem voltando a ser o que é, vale dizer, criatura de Deus, e, *ipso facto*, dependente e sujeito a Ele, temos que a graça não nega a natureza, senão que a pressupõe: “[...] a graça pressupõe a natureza [*gratia praesupponit naturam*] [...]”<sup>21</sup>. Não sem razão, o próprio Agostinho, em linhas gerais, já dizia a mesma coisa: “[...] a graça não foi negada pela natureza [*per naturam negata sit gratia*], mas, sim, a natureza foi restaurada pela graça [*per gratiam reparata natura*]”<sup>22</sup>. Em outros termos, assim como o médico não elimina o doente, mas a doença, a

<sup>15</sup> E ainda: “[...] todo o homem que se eleva será rebaixado, mas quem se rebaixa será elevado” [Lc 18, 14].

<sup>16</sup> IRENEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. 2ª ed. Trad. Lourenço Costa. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. III, 19, 1. p. 336.

<sup>17</sup> *Idem*. *Op. Cit.* V, *Prefácio*. p. 518.

<sup>18</sup> ATANÁSIO. *A Encarnação do Verbo*. Trad. Orlando Tiago Loja Rodrigues Mendes. São Paulo: Paulus, 2002. VI, 54, 3. p. 198.

<sup>19</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, 1, 2, C: “Factus est Deus homo, ut homo fieret Deus”.

<sup>20</sup> *Idem*. *Ibidem* I, 1, 8, ad 2.

<sup>21</sup> *Idem*. *Ibidem*. I, 2, 2, ad 1.

graça não destrói a natureza, mas a trata, cura e aperfeiçoa. É o pecado que enfraquece a natureza, a graça a sara: “[...] o pecado é contra a natureza e é curado pela graça [...]”<sup>23</sup>. Portanto, o favor divino age de modo salubre na natureza humana. Por isso, antes de querermos nos tornar “místicos”, deixemos que a graça nos torne homens refeitos à imagem e semelhança de Deus [Gn 1,27]. Ninguém será “santo”, se antes não for homem. Afirma Tomás: “[...] o sujeito da graça é exclusivamente a criatura racional”<sup>24</sup>.

E a Igreja, destinada a ser consorte da natureza divina pela graça – ratificamos – nasce verdadeiramente humana como Seu Divino Mestre. Destinada a ser sobrelevada por Ele, brota humilíssima, como humilíssimo foi Seu Adorável Redentor. A Igreja germina como serva, como servo foi Seu Senhor: “[...] o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate por muitos” [Mt 20, 28; Mc 10, 45]. Do quanto foi dito, segue-se que a grandeza da Igreja está no servir. Nela, a medida da grandeza de alguém é medida pelo serviço que presta: “[...] aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos” [Mc 10, 43 e 44].

Talvez seja propício evocarmos a imagem da Última Ceia. Na *última Páscoa* que Nosso Senhor celebrou com os que Lhe eram caros, demonstrou trazer dentro de Si um desejo ardente de Se entregar pelos que amava: “Desejei ardentemente [*Desiderio desideravi*] comer esta páscoa convosco antes de sofrer” [Lc 22, 15]. Mas o que aconteceu naquela Ceia? Vejamos. Cristo “[...] tomou um pão, deu graças, *partiu [fregid= quebrado, fracionado]* e deu-o [*dedid= dado, oferecido*] a eles, dizendo: ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós [...]’” [Lc 22, 19]. O que significa este gesto? Ele mesmo explicou: “Isto é o meu corpo [*Hoc est corpus meum*] que é dado por vós [*quod pro vobis datur*]” [Lc 22, 19]. E acrescentou: “Fazei isto em minha memória<sup>25</sup>” [Lc 22, 19]. Depois, fez o mesmo com o vinho, afirmando que este era o Seu sangue derramado pelos seus. Na verdade, “*hoc=isto*” é o amor de Jesus. A par da instituição do *Sublime Sacramento*<sup>26</sup> – se bem que ambos os mistérios estejam intimamente ligados – queremos, aqui, dar ênfase ao gesto de Jesus, isto é, ao fato de Ele partir-se por seus

<sup>22</sup> AGOSTINHO. *O Espírito e a Letra*. 2ª ed. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Iranildo B. Lopes. São Paulo: Paulus, 1998. XXVII, 47. p. 70.

<sup>23</sup> *Idem. Ibidem*: “Vitium quippe contra naturam est, quod utique sanat gratia [...]”

<sup>24</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, 27, 2, C.

<sup>25</sup> *Hoc facite in meam commemorationem= fazei isto em minha memória*. Cristo pediu aos seus que fizessem aquilo que Ele fazia “*co memorando*”, isto é, celebrando juntos à *Sua memória*, vale dizer, o Seu *legado*, o que Ele havia deixado como exemplo e modelo de vida.

<sup>26</sup> No *Sublime Sacramento* confessamos que, após a *consagração* do pão e do vinho pelo sacerdote, ocorre a transubstanciação dos mesmos, e Cristo passa a estar todo inteiro, e em cada uma das partículas das espécies, verdadeira, real e substancialmente presente: corpo, sangue, alma e divindade [**Conc. De Trento: Ds 1651**].

Sávio Laet de Barros Campos

discípulos, de doar-se por inteiro a eles. Neste sentido, falando da *Última Ceia*, dizia Santo Efrém sobre Cristo: “[...] partiu seu corpo para os seus discípulos [...]”<sup>27</sup>. Mas há mais. Cristo pediu, com o Seu exemplo, que os seus discípulos continuassem a fazer o mesmo, a saber, a *partirem-se, quebrarem-se, deixarem triturar-se até o derramamento de sangue* – se necessário – pela salvação uns dos outros. Já Santo Inácio de Antioquia, no século II, na iminência do seu martírio, identificava-se com o gesto do seu Senhor, dizendo aos cristãos de Roma: “Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo”<sup>28</sup>.

O “desejar ardentemente” de Lucas é expresso pelo termo grego “epithymía” [ἐπιθυμία], que diz um desejo ardente, abrasante, um desejo que queima, que se consome. Nosso Senhor consumia-Se por Se consumir por Seus discípulos. O coração de Cristo era uma *Sarça Ardente* que, diferentemente da do *Êxodo* que queimava, mas não se consumia [Ex 3, 1-3], consumiu-Se todo inteiro na Cruz por nós. Na Cruz, o amor de Jesus consumiu-Se, chegando à plenitude: “Está consumado [Consummatum est]” [Jo 19, 30]. Foi “hoc=este” o amor que Ele celebrou na *Última Ceia*. Afirmava Santo Efrém: “Na ceia Cristo se imolou. Na cruz ele foi imolado”<sup>29</sup>.

Na verdade, com a consagração do vinho, que se transubstanciou em Seu sangue, Cristo mostrou-nos que estava oferecendo a nós não somente a Sua vida, mas também a Sua morte. Eis o significado de ter consagrado não apenas o pão, mas também o vinho. O sangue [símbolo da vida] é derramado por nós. Para Cristo, morrer é gastar a vida: “Esta taça é a Nova aliança [novum testamentum] em meu sangue [sanguine meo], que é derramado por vós [qui pro vobis funditur]” [Lc 22, 20]. O *Novo Testamento* que Ele nos deixou, ei-lo: vida e morte vertidas por nós!

Nosso Senhor celebrou o que viveu. Ele, que é o *Pão da Vida* [Jo 6, 5], antes de Se doar a nós no rito da *Eucaristia* e no suplício da *Cruz*, já tinha sido *esmagado* e como que *mastigado* pela multidão que O seguia. Não sem razão, narra-nos o Evangelho: “Ele disse aos discípulos que mantivessem um barco à disposição, para que a multidão não o esmagasse” [Mc 3, 9], e ainda: “Uma numerosa multidão o seguia e esmagava” [Mc 5, 24]. Ademais, o senhor Jesus quis que os Seus discípulos estivessem dispostos a fazer o mesmo, ou seja, que

<sup>27</sup> EFRÉM. **Com. Ao Diatess.** 9, 4. In: CANTALAMESSA, Raniero. *O Mistério da Ceia*. Trad. Orlando Gambi. São Paulo: Editora Santuário, 1993. p. 13.

<sup>28</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA. **Carta aos Romanos.** 3ª ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002. 4, 1. p. 105.

<sup>29</sup> EFRÉM. **Hinos Sobre a Crucificação.** 3, 1. In: CANTALAMESSA, Raniero. *O Mistério da Ceia*. Trad. Orlando Gambi. São Paulo: Editora Santuário, 1993. p. 13.

Sávio Laet de Barros Campos

se deixassem *moer* por amor. Por isso, Santo Inácio, que conheceu os Apóstolos, dizia de Cristo: “Se não estamos dispostos a morrer por ele, para participar de sua paixão, a vida dele não está em nós”<sup>30</sup>.

Demos um passo adiante. Com efeito, foi “[...] pelo Espírito eterno [...]” que o próprio Cristo “[...] se ofereceu a si mesmo a Deus como vítima sem mancha” [Hb 9, 14]. Desta feita, é claro que também nos Seus esta oferenda será, antes de tudo, obra do Espírito. Ele também nos impelirá a nos ofertarmos a Deus. No século III, Tertuliano afirmava que o Espírito Santo é “[...] o treinador dos mártires”<sup>31</sup>; antes dele, no século II, o mesmo Santo Inácio de Antioquia, prestes a ser lançado às feras, dizia, referindo-se ao mesmo Espírito [Jo 7, 37-39]: “Dentro de mim há uma água viva, que murmura e diz: ‘Vem para o Pai’”<sup>32</sup>. No século IV, São Cirilo de Jerusalém, numa de suas *Catequeses*, declarava: “Os mártires dão o seu testemunho graças à força do Espírito Santo”<sup>33</sup>. A doação cristã é, pois, obra do Espírito.

Pelo que já foi dito, podemos asseverar sem pestanejar: a *essência do cristianismo é o amor*. Aliás, o mesmo Jesus, aos Seus, afirmou: “Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” [Jo 13, 5]. Outrossim, no *Sermão da Montanha*, o Senhor afirma o critério segundo o qual podemos reconhecer os seus autênticos envidados: “É pelos seus frutos que os reconheceréis” [Mt 7, 16 e 20]. Ora, para São Paulo, o primeiro fruto do verdadeiro cristão é o amor. Di-lo-á aos cristãos da Galácia: “*Frutus autem Spiritus est caritas*” [Portanto, o fruto do Espírito é a caridade] [Gl 5, 22].

Por outro lado, o mesmo Senhor que diz que os Seus discípulos serão reconhecidos pelo amor que tiverem uns pelos outros é também quem afirma que não reconhecerá a ninguém por tê-IO chamado, pura e simplesmente, de Senhor ou por haver profetizado ou mesmo feito milagres em Seu nome. E não só. Adverte, inclusive, que muitos são os que se apresentarão a Ele com estas pretensas credenciais: “[...] Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não foi *em teu nome que profetizamos* e em teu nome que expulsamos demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres? Então eu lhes declararei: NUNCA VOS CONHECI [...]’ [Mt 7, 22-23]. Ouçamos, agora, o que para o Senhor significam profecias, exorcismos e milagres sem amor: “Apartai-vos de mim, vós que PRATICAIIS A

<sup>30</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Carta aos Magnésios*. 3ª ed. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002. 5, 2. p. 92.

<sup>31</sup> TERTULIANO. *Aos Mártires*. 3, 3. In: CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito: Meditações Sobre o Veni Creator*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998. p. 22.

<sup>32</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Carta aos Romanos*. 1. p. 107.

<sup>33</sup> CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses*. XVI, 21. In: CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito: Meditações Sobre o Veni Creator*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998. p. 22.



Sávio Laet de Barros Campos

INIQUIDADE” [Mt 7, 23]. Para Ele, profecias, milagres e exorcismos não são o *selo de credibilidade* dos Seus seguidores. Este selo é o amor!

Retornemos, por fim, ao seguinte passo evangélico: “Nisso [*In hoc*] reconhecerão todos [*cognoscent omnes*] que sois meus discípulos [*quia mei discipuli estis*]: se tiverdes amor uns pelos outros [*si dilectionem habueritis ad invicem*]” [Jo 13, 35]. Isto se cumpriu. Já no século III, Tertuliano [160-220 d.C] atestava que os de fora, ao verem os cristãos, diziam: “Olha como eles se amam!”<sup>34</sup>. Pois bem, uma vez que a “[...] a lei de Deus é a caridade [*Lex Dei est caritas*]”<sup>35</sup>, e nada temos que não tenhamos antes recebido dEle [I Cor 4, 7], peçamos ao Pai, a quem mendigamos até o próprio pão – “Quando dizes: *O Pão nosso quotidiano dá-nos hoje*, confessas que és mendigo de Deus”<sup>36</sup> – o Dom de amar.

Uma palavra ainda sobre o que é o “não amar”, em outros termos, o que é o mal. O mal é a privação de um bem devido, diziam os melhores escolásticos. Afirmavam ainda que o mal precisa de um sujeito onde possa subsistir. No âmbito prático, o mal acontece quando o bem devido não é feito. Assim, fazer o mal é não fazer o bem que se deveria fazer. E o homem mau não é outro senão aquele que não faz o bem que deveria fazer. Por outro lado, o homem bom não é aquele que “não faz mal a ninguém”, mas aquele que faz o bem que pode e deve fazer. Sim, o mal é banal. De fato, uma pessoa que não faz o bem que pode e deve fazer – ainda que conserve uma feição inofensiva – está, objetivamente, resistindo ao Espírito Santo, que nos impele a amar. Nosso Senhor não falou do ato de amar como um “não fazer” o mal, mas sim como algo positivo, vale dizer, fazer o bem: “Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles.” [Mt 7, 12]. Sem pretendermos nos estender mais, citemos as breves palavras com as quais Santo Tomás define amar: “[...] amar é querer o bem de alguém [...]”<sup>37</sup>. Observemos apenas que amar, para Tomás, não é algo inosso, uma espécie de “não querer mal algum a ninguém”, mas, ao contrário, algo bem positivo e específico, a saber, querer o bem de alguém. E como indica o uso do verbo, “amare”, trata-se de uma ação determinada.

---

<sup>34</sup> TERTULIANO. **Apologeticum**. 39, 7. Disponível em <[http://www.tertullian.org/articles/manero/manero2\\_apologeticum.htm](http://www.tertullian.org/articles/manero/manero2_apologeticum.htm)> Acesso em: 28/04/2012.

<sup>35</sup> AGOSTINHO. **O Espírito e a Letra**. XVII, 29. p. 50.

<sup>36</sup> AGOSTINHO. **Sermo 56**. 6, 9. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/latino/discorsi/index2.htm>>. Acesso em 13/03/2012: “Quando dicis: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*, profiteris te mendicum Dei.”

<sup>37</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 20, 3, C.